

Editorial

Escola consumida ou consumada?

Rinaldo Voltolini¹

Por que destacar a escola numa produção do campo da psicanálise e educação? A importância social dessa instituição poderia bastar para justificar sua colocação num lugar de destaque em qualquer debate sério sobre educação, mas a partir do terreno próprio à psicanálise e sua *démarche* específica na educação, será uma constatação bem precisa que nos fará colocar a escola na berlinda, que podemos condensar na seguinte fórmula: a escola parece ser *cada vez mais forte enquanto organização, na mesma proporção que é cada vez mais frágil enquanto instituição!* Isto é, a força da passagem do discurso do mestre ao do capitalista; mas o valor dessa formulação, bem como sua consistência, não é imediatamente evidente e precisa ser devidamente demonstrado.

Podemos sustentar inclusive que essa fórmula vale não só para a escola voltada às crianças, mas também para aquela construída por e para os psicanalistas, que não está totalmente ao abrigo dos efeitos sedutores de um modo de organização que visa consolidar-se a despeito de qualquer solidez. Donde desponta um desafio: como sustentar uma instituição em tempos de organizações?

O conteúdo deste dossiê expressa uma tentativa de dar conta dessa questão, sendo composto a várias mãos, entre múltiplos debates e trocas que se iniciaram no Colóquio do Lepsi em São Paulo, no ano de 2017, que levou o mesmo título: *Escola consumida ou consumada?* Ou seja, é fruto de uma verdadeira transferência de trabalho, da qual podemos esperar uma afetação entre os trabalhos, e não apenas uma superposição deles.

O título dado ao dossiê é uma provocação sustentada na paráfrase da observação lacaniana sobre o discurso do capitalista: *Escola consumida ou consumada?* “O discurso capitalista é algo loucamente astucioso, mas votado ao esgotamento. . . . É que ele é insustentável . . . ele anda sobre rodinhas, e não pode andar melhor, mas justamente anda tão rápido que se consome, se consome tão bem que se consuma” (Lacan, 1972/2006). A frase é de Lacan e foi escrita para representar em uma imagem, segundo ele, a essência do capitalismo. A inteligência astuta do capitalismo se faria notar em sua capacidade de encorpar-se, entregando-se exclusivamente ao seu fortalecimento e consolidação. Tudo que a ele se opor

1. Docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: rvoltolini@usp.br

sofrerá o destino de ser metabolizado e incorporado, atestando o valor maior da metáfora do consumo: comer, devorar, até transformar tudo em parte de si mesmo.

Essa astúcia encontraria apenas um limite: a consumação. No afã de devorar tudo, o capitalismo não poderia evitar o destino de devorar a si mesmo. É o que nos fazem ver, dramaticamente, os discursos ecológicos, muito fortalecidos nos últimos tempos que, se valendo do medo – do fim da vida humana na Terra – como um recurso pedagógico, buscam botar algum freio nessa paixão devoradora.

A alusão feita às rodinhas serve tanto para marcar que se trata de velocidade, o que se percebe facilmente quando olhamos o progresso tecnológico, como para marcar que isso gira sobre si mesmo, ou seja, obedece, segundo a lógica freudiana, à morbidez da compulsão à repetição. O imperativo do capitalismo comportaria uma fórmula na qual o ciclo fechado da repetição se mostra claramente: deve-se continuar progredindo sempre para se atingir o quê? O progresso! O fim da causa final – diria o filósofo – em prol da causa eficiente. Inovar é “A” regra, ou seja, não é mais um processo desencadeado pelo desejo que se opõe à inércia do antigo – contra o *establishment*, como se convencionou dizer – mas, ao contrário, tornou-se uma injunção superegoica – é o próprio *establishment* – que pesa sobre todas as cabeças dizendo que quem não inova está fora.

Podemos nos perguntar, com proveito, sobre como a escola se encontra nesse estado de coisas. A demanda de inovação é patente sobre ela. Contestada por ser conservadora, por vezes ridicularizada em piadas que atestariam seu suposto anacronismo, a escola nunca se viu tão às voltas com reformas como nesses últimos trinta anos. A relação professor-aluno, os métodos de trabalho, o currículo básico, as regras de avaliação e progressão, a distribuição de seu espaço físico – nada em seu interior parece ter ficado fora de questionamento.

Além disso, ela também tem sido muito avaliada, paixão importante do discurso capitalista, esquadrihada com números e estatísticas que teriam o poder de diagnosticar seus problemas e melhorar sua performance. Nenhuma dessas críticas ou avaliações, entretanto, põe em xeque a existência da escola. Ao contrário, uma reflexão como aquela feita por Ivan Illich em seu clássico livro *Deschooling society* – literalmente “desescolarizando a sociedade”, mal traduzido para o português como *Sociedade sem escolas* –, que conheceu um forte reconhecimento internacional em sua época, hoje não tem senão um valor anedótico.

Nossa sociedade está cada vez mais escolarizada, seja porque a escola, enquanto instituição, chega bem mais cedo na vida do cidadão, seja porque sua formatação invade um público nunca antes imaginado, como da escola de pais, da terceira idade, e de lazer, por exemplo.

O que Illich punha em evidência, entretanto, era um paradoxo perigoso no qual está assentada a escola: o ensino tornado obrigatório não minaria a vontade de aprender? Se o autor chegou a formular que poderíamos viver sem escolas, não foi porque defendeu um retorno a uma educação totalmente informal, mas porque imaginou que em seu lugar funcionaria bem um sistema em rede, forjado a partir da ideia de que quem se interessa por aprender algo pode encontrar alguém que quer ensinar esse algo. Curiosa antecipação visionária do que a informática faria em nosso tempo. Mas o nascimento dessa rede, agora concretizada com a internet, não desmoronou a escola que, ao contrário, a tem absorvido, mesmo que cambaleante, reforçando seu papel num discurso escolarizante.

Daí o curioso paradoxo: a despeito da inundação de críticas que recebe, a escola segue incólume, cada vez mais magnífica, o que não quer dizer que essa magnificência não esconda um avesso de precariedade.

A *démarche* freudiana na educação coincide fundamentalmente com a preocupação de Ilich. Em ambos os casos trata-se de pôr em primeiro plano a verdade da experiência – da experiência da aprendizagem, da transmissão do conhecimento, no caso. Esse ponto fulcral de uma *démarche* ganharia contornos concretos mais tarde com Lacan nas reflexões sobre a constituição de uma escola para a psicanálise. Evidentemente não é o caso de equacionar de modo simplista e equivocado a escola de psicanálise, voltada para a formação de analistas, e a escola pública, voltada para a educação das crianças. Trata-se, contudo, de apontar como a psicanálise recuperou a seu modo questões que têm importância para a reflexão pedagógica acerca do aprender, do transmitir, do ensinar, do formar e do peso do funcionamento institucional nesse processo.

Mas trata-se, também, de sublinhar como escolas com perspectivas e objetivos tão diversos – a que forma analistas e a que educa crianças – sofrem as vicissitudes de uma mesma organização discursiva hegemônica de uma época, que aqui denominamos, seguindo a proposta lacaniana, de discurso do capitalista.

Neste dossiê o leitor encontrará um debate sobre temas como transmissão, autoridade, autorização, instituição, conhecimento, aprendizagem, juventude, primeira infância etc., que são comuns tanto à pedagogia como à psicanálise, embora ambas tenham chegado a respostas diferentes. A aparente dispersão dos temas não deve confundir o leitor sobre o ponto sutil, mas consistente, que estabelece sua unidade: trata-se sempre de como cada um desses temas ganha peso na instituição escolar, tomada como está em seu paradoxo de cada vez mais ver seu papel atestado pela sociedade como o de uma organização e enfraquecido pela mesma sociedade enquanto instituição.

Por isso convidamos o leitor a refletir mantendo essa pergunta título como pano de fundo: escola consumida ou consumada? Afinal, conviria refletir se a escola de nosso tempo não confiou demasiado na manutenção de seus muros em detrimento da verdade de sua experiência. Se assim for, seu risco é o da mumificação, ou seja, o da preservação, potencialmente perpétua, de algo que já não tem mais vida. Se assim for, ela pode terminar por ser consumida, consumada.

Referências

Lacan, J. (2006). *Traducción de la conferencia de Lacan en Milán del 12 de mayo de 1972* (O. M. Mater, trad.). Buenos Aires: El Sigma. (Trabalho original publicado em 1972). Recuperado de <https://bit.ly/2ZwF1Ij>